

O Mar da Incerteza e da Confusão

Carlos Honorato, junho de 2016.

O governo provisório do “temido Temer”, depois dos inevitáveis escândalos iniciais, em função da forma como ele, o temido escolheu seu primeiro escalão, agora inicia a navegar no mar da incerteza e da confusão. Incerteza, pois não sabe por quanto tempo o seu governo provisório vai ser provisório, incerteza, pois não sabe se a “tia Dilma” vai voltar das cinzas ou não, e incerteza porque sua base de apoio, que é formada por uma grande massa gelatinosa dos mais diferentes interesses, está fissurando cada vez mais e, com isso, ameaçando comprometer o frágil e promíscuo “acordo para salvar a nação”. A confusão, por outro lado, é função dessas incertezas e função, também, da situação absolutamente calamitosa que se encontra a economia e seus fundamentos (taxa de inflação, crescimento econômico, taxa de câmbio, desemprego, e, principalmente a confiança dos diferentes agentes da economia).

A situação do presidente de plantão, o “temido Temer”, é tão desconfortável que ele está se afastando dos holofotes do planalto e deixando o seu bem-falante ministro de tudo, o camaleônico Padilha, assumir o cargo de condutor da nação rumo à terra prometida, tal como fez Moises quando atravessou o mar Vermelho, fugindo do Egito.

Uma questão intrigante, para muitos, é porque o Padilha, logo o Padilha, assumiu as rédeas da nação. A resposta é simples: já há muito tempo o camaleônico Padilha se notabilizou em ser uma espécie de “vidente” nas votações do Congresso Nacional. Apesar de o Congresso ser um verdadeiro “saco de gatos” completamente despido de qualquer ideológica ou seriedade política, o super-ministro consegue, não se sabe como, prever os resultados das mais importantes votações. Ora, estando o “temido Temer” completamente refém do Congresso, nada melhor do que entregar as rédeas do governo para aquele que, como ninguém, consegue entender como funcionam as maracutaias legislativas, formalmente chamadas de “apoios”.

O problema atual é que até ele, o quase semideus e vidente Padilha, está tendo sua visão do futuro meio embaçada pelos resultados pífios da economia. Ora, se nem ele, o grande malabarista político e grande vidente, aquele que consegue fechar e abrir as gavetas chaveadas da Assembleia, (com a chave dentro!) está temeroso com o futuro, é porque realmente o problema é grande. Dizem, inclusive, que se a tia Dilma voltar, o camaleônico Padilha vai ser ministro dela. Como aqui, em terras brasilis, tudo é possível não se pode duvidar de mais essa armação palaciana (hoje o PT e o PMDB

estão dormindo em camas separadas, mas podem ter nova “lua de mel” e Padilha como cupido!).

A incerteza e a confusão, na verdade, já foram a marca do segundo governo Dilma. Além delas, a tia conseguiu fabricar um ambiente de conflito social e desesperança em uma parte da sociedade, o que gerou a sua derrubada temporária. O presidente-tampão, ao assumir, prometeu a “terra prometida”, seriedade na condução da “coisa pública” e ação forte nos fundamentos da economia, especialmente na confiança dos agentes econômicos. Ele, no entanto, entregou um primeiro escalão de “notáveis” (notáveis espertalhões e fortemente envolvidos em macabras artimanhas jurídico-legislativas!) e entregou, também, um forte e desarticulado discurso ministerial acompanhado de ações frágeis e confusas. Foi, então, que caímos nas mãos do “cavaleiro da esperança”, o ministro de todos os governos, o camaleônico Padilha. E pior, nem ele com suas magias-miraculosas está conseguindo ver luz no final do túnel.

Quando se olha para esse quadro de continuada incerteza e confusão e um presidente como o “temido Temer”, popular como um “paralelepípedo” e manobrado por uma espécie de GRIGORI RASPUTIN do século XXI, é que se pode chegar a seguinte conclusão: para salvar a economia e a política é urgente que se pense em novas eleições e nova constituição. Caso isso não ocorra continuaremos crescendo como rabo de cavalo: para baixo!